

## “Moro lá no Cordú”: conhecendo a comunidade a partir do olhar das crianças

*"Vivo allí en el Cordu" - Conociendo a la comunidad desde la mirada de los niños*

*"I live in Cordu" -Knowing the community from the children's eyes*

Silvana Bezerra de Castro Magalhães<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho situa-se no universo de crianças do projeto social CASA, que atua numa comunidade vulnerável de Nova Friburgo-RJ chamada Cordoeira. O projeto iniciou seu trabalho no contraturno escolar no ano de 2017 e vem construindo suas ações sociopedagógicas numa perspectiva das crianças como protagonistas do processo. Uma das necessidades e objetivos do projeto CASA é conhecer o contexto da comunidade, e partir sempre do olhar das próprias crianças. Para isso, uma das ações que analisamos aqui foi a pesquisa realizada com as crianças sobre o contexto vivido, sobre sua comunidade e recortes das próprias sobre esse lugar físico e simbólico, tendo como grande desafio teórico-metodológico considerar as crianças atores sociais plenos, valorizando seus processos de apropriação, reinvenção e reprodução. A metodologia utilizada partiu das concepções das crianças através da realização de oficinas que favorecessem a escuta das imagens e vivências sobre sua comunidade (diferentes linguagens artísticas). Crianças têm o direito de dizer a sua palavra a partir do seu “saber de experiência feito”. O processo, ainda em construção, já indicou olhares enriquecedores de como as crianças se adaptam as dificuldades do contexto, bem como criam soluções novas para lidar com problemas e a ludicidade presente no cotidiano da comunidade.

Palavras-chaves-vulnerabilidade social- sociologia da infância-educação

### Resumen

El presente trabajo se sitúa en el universo de niños del proyecto social CASA- situado en el Cordoeira, comunidad vulnerable de Nova Friburgo-RJ. El proyecto inició sus acciones en el contraturno escolar en el año 2017 y viene construyendo sus acciones sociopedagógicas desde una perspectiva de los niños como protagonistas del proceso. Una de las necesidades y objetivos de este trabajo fue conocer el contexto de la comunidad, a partir de la mirada de los propios niños, para el estudio de las realidades de la infancia (PINTO Y SARMENTO, 1997). Para ello, una de las acciones que analizamos fue la investigación realizada con los niños sobre el contexto vivido, sobre su comunidad y recortes de las propias sobre ese lugar físico y simbólico, teniendo como gran desafío teórico-metodológico considerar a los niños actores sociales plenos, valorizando sus hijos procesos de apropiación, reinvención y reproducción (CORSAO, 1997). La metodología utilizada partió de las concepciones de los niños a través de la realización de talleres que favorecer la escucha de las imágenes y vivencias sobre su comunidad (diferentes lenguajes artísticos). Los niños tienen el derecho de decir su palabra a partir de su "saber de experiencia hecha". (FREIRE, 1997, 1998). El proceso, aún en construcción, ya indicó miradas enriquecedoras de cómo los niños se adaptan a las dificultades del contexto, así como crean soluciones nuevas para lidiar con problemas y la ludicidad presente en el cotidiano de la comunidad.

Palabras clave-vulnerabilidad social-sociología de la niñez-educación

---

<sup>1</sup> Mestre e doutora em Educação e professora da Licenciatura em Física- CEFET-RJ; Rio de Janeiro, RJ, Brasil. [silvanaped@hotmail.com](mailto:silvanaped@hotmail.com).

### Abstract

The present work is located in the universe of children of the social project CASA- located in Cordoeira, vulnerable community of Nova Friburgo-RJ. The project began its actions in the school counter-shift in the year 2017 and has been building its socio-pedagogical actions in a perspective of the children as protagonists of the process. One of the needs and objectives of this work was to know the context of the community, from the perspective of the children themselves, to the study of childhood realities . To do this, one of the actions we analyzed was the research carried out with the children about the context they lived in, about their community and their own cuts about this physical and symbolic place, having as a great theoretical and methodological challenge to consider children full social actors, valuing their processes of appropriation, reinvention and reproduction. The methodology used was based on the conceptions of children through workshops that favored listening to images and experiences about their community (different artistic languages). Children have the right to say their word from their "experience knowledge done". The process, still under construction, has already indicated enriching glimpses of how children adapt to the difficulties of the context, as well as create new solutions to deal with problems and the playfulness present in the daily life of the community.

Keywords-social vulnerability- sociology of childhood-education

## 1. Introdução

O presente trabalho faz parte da investigação realizada com as crianças do projeto social CASA (Centro de Assistência Social e Amor- ONG Missão Peixes), situado no bairro do Cordoeira, uma comunidade vulnerável da cidade de Nova Friburgo-RJ. O projeto iniciou suas ações no contraturno escolar recentemente, no segundo semestre do ano de 2017. São atendidas vinte e nove crianças em dois turnos: pela manhã um grupo de vinte crianças de 6 à 11 anos e no período da tarde nove crianças de 9 à 12 anos.

A comunidade do Cordoeira é o bairro com maior adensamento populacional do município (aproximadamente 7000 moradores para 0,403km<sup>2</sup>). É considerado, segundo o IBGE, o único agrupamento subnormal do município, nome utilizado para caracterizar assentamentos irregulares e precários com características de favela. Apresenta enormes contradições e desigualdades, que são acentuadas pela proximidade ao centro da cidade, uma região considerada próspera e com boas condições de vida (1km ou menos de distância, dependendo do ponto de deslocamento do bairro).

Até o ano de 2005 não havia nenhuma escola de educação infantil ou creche no bairro. Possui hoje uma creche, uma escola e um posto de saúde. Atualmente não possui espaços de lazer, arte, recreação, sendo a única exceção um campo de futebol. O projeto CASA, juntamente a uma escolinha de futebol, são os únicos projetos sociais do bairro. É considerado, somado a dois outros bairros da cidade, o principal ponto de comercialização de drogas do município e um dos três bairros com maiores índices de violência, homicídios e criminalidade.

A cidade de Nova Friburgo foi fundada por imigrantes suíços no século XIX e durante muitos anos foi difundido o status de ser a “Suíça brasileira”. Subir as ruelas estreitas, que vão do centro da cidade até o ponto mais alto da comunidade, pode ser uma interessante experiência social e antropológica. Um primeiro olhar de um indivíduo atento já vai indicar que a população branca ficou na parte baixa da cidade, a grande maioria dos moradores da comunidade é composta de afrodescendentes. A realidade da desigualdade é muito presente no bairro, na ausência das políticas públicas, nas péssimas condições de moradia, entre outros. A nossa recente história da escravidão continua deixando suas marcas na “Suíça Brasileira”.

O trabalho pedagógico da instituição CASA tem se construído a partir de práticas que respeitem e tenham a fala e olhar das crianças que o compõe como algo constitutivo e fundamental, invertendo a lógica do trabalho pedagógico tradicional. Ao invés de partir do conhecimento acabado e pronto, as discussões e construções pedagógicas tem procurado partir do olhar e saberes das crianças embasando-se no conceito freireano de “saber de experiência feito.” (FREIRE, 1997, p.71).

Atuo como voluntária no projeto auxiliando na construção da proposta pedagógica do mesmo desde o seu início e atualmente como coordenadora de um projeto de extensão do CEFET-RJ atuando na instituição. Nessa perspectiva esse trabalho não foi uma construção convencional de pesquisa no qual o pesquisador é um elemento externo que se desloca até os seus pesquisados com determinados objetivos e posteriormente se distancia. Esse trabalho fez parte da construção pedagógica do trabalho cotidiano, num momento em que discutiríamos e conheceríamos melhor a realidade do bairro Cordoeira, ou Cordú: apelido familiar dado pelos moradores ao se referirem à comunidade.

Apresentamos nesse artigo a construção inicial, ainda em andamento, do eixo de discussões e construções com as crianças sobre o espaço e universo onde moram e são inseridas. Como representam esse lugar físico e simbólico? Como veem o próprio bairro a partir daquilo que gostam ou não? Quais suas experiências e leituras sobre o mesmo? Para isso trouxemos as escutas de conversas, entrevistas e as representações em desenho realizadas pelas crianças.

Queríamos problematizar e tentar conhecer o contexto da comunidade a partir do olhar das próprias crianças e seus recortes sobre esse lugar físico e simbólico (PINTO E SARMENTO, 1997), tendo como nosso grande desafio teórico-metodológico considerar as crianças atores sociais plenos, valorizando seus processos de apropriação, reinvenção e reprodução. (CORSARO, 2011).

## 2. Referencial teórico

Olhar a realidade com e a partir da criança no processo de construção das nossas práticas pedagógicas ainda é algo novo e desafiador. A criança continua sendo, muitas vezes, o “sem -fala”, o objeto de nossas ações, planejamentos, currículos e intenções, ainda que revestidos de teorias pretensamente “ativas”. Ter a criança como protagonista das ações ainda é um grande desafio que tentamos construir nos nossos discursos e construções práticas.

O estudo das realidades da infância com base na própria criança é um campo de estudos emergente, que precisa adotar um conjunto de orientações metodológicas cujo foco é a recolha da voz das crianças. Assim, além dos recursos técnicos, o pesquisador precisa ter uma postura de constante flexibilidade investigativa (...), a não projetar o seu olhar sobre as crianças colhendo delas apenas aquilo que é o reflexo dos seus próprios preconceitos e representações. (PINTO e SARMENTO, 1997, p.78).

As discussões da sociologia da infância (CORSARO, 2001; SARMENTO, 2004; QVORTUP, 1994; SIROTA, 2001) nos ajudam a pensar e a olhar sob novos paradigmas para a criança e nossas ações com ela, revendo nossas representações sobre o lugar da mesma, vendo a infância como um período socialmente construído e uma forma estrutural. Corsaro (2011, p.15) afirma que “as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas”. Importante entendermos a produção das culturas infantis a partir de sua forma estrutural, como o autor descreve na citação abaixo:

Quando nos referimos à infância como uma forma estrutural queremos dizer que é uma categoria ou uma parte da sociedade, como classes sociais e grupos de idade. Nesse sentido, as crianças são membros ou operadores de suas infâncias. Para as próprias crianças, a infância é um período temporário. Por outro lado, para a sociedade, a infância é uma forma estrutural permanente ou categoria que nunca desaparece, embora seus membros mudem continuamente e sua natureza e concepção variem historicamente. É um pouco difícil reconhecer a infância como uma forma estrutural porque tendemos a pensar nela exclusivamente como um período em que as crianças são preparadas para o ingresso na sociedade. Mas as crianças já são uma parte da sociedade desde seu nascimento, assim como a infância é parte integrante da sociedade. (CORSARO, 2011, p. 15-16).

As nossas ações pedagógicas precisam trazer a condição histórica e concreta das suas existências e não mais olhar para a criança apenas como indivíduo biológico:

A sociologia da infância propõe-se a constituir a infância como objecto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles. (SARMENTO, 2004, p. 363).

A desconstrução de nossos olhares, transcendendo as teorias tradicionais, nos auxilia e abre janelas novas para a construção de práticas desafiadoras que nos tiram do centro e revertem nossa lógica “adultocêntrica” nas relações institucionais e cotidianas com a criança. Como bem explicita Sarmiento, nosso grande desafio:

...é interrogar o modo como constructos teóricos como “geração” e “alteridade” se constituem como portas de entrada para o desvelamento dos jardins ocultos em que as crianças foram encerradas pelas teorias tradicionais sobre a infância e de como esse conhecimento se pode instituir em novos modos de construção de uma reflexividade sobre a condição de existência e os trajectos de vida na actual situação da modernidade. (2004, p.363).

Para pensarmos em como construir práticas a partir e com a criança, as concepções freireanas, ainda tão atuais e pertinentes, nos abrem um leque de possibilidades para esse olhar engajado com o outro e não sobre o outro. Paulo Freire nos coloca que:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se, ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens, o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. (1980, p. 82).

Paulo Freire (1997) parte de uma pedagogia verdadeiramente democrática, ancorada na prática cotidiana, frisando a necessidade do educador compreender o mundo pela compreensão do povo. O respeito ao “saber de experiência feito” é condição *sine qua non* para uma pedagogia transformadora. Nesse sentido, Freire nos apresenta mais uma teoria do conhecimento do que simplesmente um método pedagógico. O respeito à criança e essa construção através da dialogicidade são elementos extremamente pertinentes para a discussão aqui iniciada, a relação pedagógica sendo, acima de tudo uma relação dialógica. Tudo isso sem deixar de lado a politicidade do ato educativo, e o olhar para os sujeitos, para as crianças no processo mais amplo, também como seres sociais.

Freire nos propõe o diálogo como um profundo amor ao mundo e aos homens, e podemos acrescentar aí, um profundo respeito pela criança como sujeito que possui uma fala a ser enunciada, respeitada, ouvida e acolhida na sua relevância.

Para Freire os processos educativos devem permitir ao homem se construir como sujeito, como pessoa que transforma o mundo nas suas relações de reciprocidade, fazendo a cultura e a história. (1980, p. 39). Na sua concepção, crianças também participam dessa construção, apesar de ainda serem vistas pela sociedade muitas vezes apenas como receptáculos passivos das ações do mundo e dos adultos sobre elas.

Num contexto como o atual, marcado pelo desrespeito ao outro e a fala de grupos minoritários, falar de relação educativa baseada em afetividade e na escuta dos setores “pequenos” da sociedade, onde são enquadradas as crianças, seria uma opção afetivo existencial de transformação e também de politização.

Para Paulo Freire (2001, p. 81) “não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer, de criar e recriar”. E porque não acrescentarmos: fé na capacidade da criança de “ser-mais”, como na de todos os homens e mulheres, sujeitos do processo da vida.

### **3. Metodologia**

Partimos, nas nossas escolhas metodológicas, do pressuposto de que as crianças têm o direito de dizer a sua palavra a partir do seu “saber de experiência feito”. (FREIRE, 1997).

O exercício da escuta da fala das crianças não é algo fácil, acostumamos a conduzir as nossas escutas a partir de ruídos já predefinidos do que realmente seria importante para nós adultos. Olhar pelos olhos da criança, ou pelo menos nos desafiarmos a tal, de dentro do nosso mundo de adulto, talvez seja um dos grandes desafios metodológicos da pesquisa com crianças.

[...] o pesquisador se coloque no ponto de vista da criança e veja o mundo com os olhos da criança, como se estivesse vendo tudo pela primeira vez [...]! Isso vai exigir do pesquisador descentrar seu olhar de adulto para poder entender, pelas falas das crianças, os mundos sociais e culturais da infância. (SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2005, p. 91).

O presente trabalho teve como recursos metodológicos conversas informais, grupos focais e a proposta de desenhos sobre o bairro pelas crianças. Foram divididos em dois grupos

já existentes na instituição, o grupo da manhã, com crianças menores de 6 a 9 anos e o da tarde com crianças de 9 a 12 anos. Todas as crianças têm a autorização para a pesquisa/uso de imagens assinada pelos pais.

Ao início de cada grupo de conversa (um momento com cada grupo) explanávamos sobre o que seria a pesquisa, explicando que faria parte de um trabalho escrito e registado em áudio e deixávamos opcional e voluntária a participação, sem imposições. No primeiro grupo todos quiseram prontamente participar. No segundo uma das crianças disse que ficaria apenas observando, sentou-se fora da roda, mas logo no início das discussões entrou e foi uma das que dialogou mais intensamente.

Com relação a escolha do uso do grupo focal concordamos que “permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar.” (GATTI, 2005, p. 9).

Podemos adentrar nas práticas cotidianas, representações das crianças e perceber como partilham as ideias sobre sua realidade. Além do mais, as crianças já são habituadas no projeto a discussões coletivas na roda, o que tornou a atividade algo familiar e espontâneo, sem a artificialidade de “agora seremos entrevistados para a pesquisa”.

Os grupos focais ainda favorecem:

...processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações e fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros. (GATTI, 2005, p. 11).

O uso dos desenhos das crianças foi um recurso adicional aliado às falas, como uma importante forma de registro de suas representações e imagens do bairro e da vida cotidiana de cada uma delas (alguns desenhos estão reproduzidos no final do artigo). São produções culturais e revelam muito das representações infantis. A fala e a explicação, a partir de cada um dos autores, também foi levada em consideração, como cada uma explicava e dava sentido aquilo que havia representado pelos desenhos.

Os desenhos podem ser “compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre o seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados.” (GOBBI, 2009, p. 71). Pois as crianças são “portadoras e criadoras de cultura, desenhistas, falantes, sujeitos de sua história e cujas produções devem ser conhecidas, valorizadas, respeitadas.” (Ibidem, p. 73).

#### 4. Para início de conversa ou conclusões parciais

Todo esse processo, ainda em construção, já indicou olhares enriquecedores de como as crianças representam sua realidade e a interpretam, quais os recortes são mais importantes para cada uma delas e a visão coletiva que possuem sobre o bairro. Faremos uma breve exposição e análise das imagens, falas e representações que foram apreendidas.

Organizamos uma divisão das falas dos diferentes grupos, denominando-os como grupos das crianças maiores (GCM) e grupo das crianças pequenas (GCP), como já explicado anteriormente. A identidade das crianças foi preservada com o uso de iniciais de nomes ou apelidos. Foram três os eixos da discussão nos grupos focais: o que você acha do bairro Cordoeira, o que tem de bom e ruim no bairro e o terceiro girando em torno da discussão: você acha melhor morar aqui ou em outro lugar da cidade? Nos desenhos foi solicitado que representassem separadamente as coisas boas e as ruins do bairro. Foram preservadas as falas das crianças sem alterações ou correções ortográficas e gramaticais.

No GCP percebemos que a representação sobre o bairro diz respeito a realidade mais próxima delas: seu eu, sua casa, família, projeto. Falar do bairro era falar do que tinha próximo de si, a casa, as relações de afetividade na família, projeto e escola. Todos os desenhos giraram em torno da própria casa e do projeto.

*“É bom morar aqui. Meu pai fazia muita coisa errada e aí minha mãe voltou pra cá, pra morar na casa do meu avô. Aqui tem uma igreja que a gente vai pra ajudar meu pai não fazer essas coisas errada. Quando meu pai melhorá (sic) a gente vai voltar porque lá é tranquilo e todo mundo fica dentro de casa.” B.*

A única questão mais ampla que apareceu nas diferentes falas do GCP disse respeito ao lixo espalhado pelo bairro. O lixo foi considerado muito ruim e prejudicial a qualidade de vida no entorno. Como na semana anterior havia sido realizada uma discussão no projeto



sobre o lixo com as crianças, imaginamos que essa discussão aguçou seus olhares para essa questão, já que todas as crianças pequenas citaram o lixo como algo negativo.

*“Os lixos que ficam todos espalhados, fica muita mosca, mosquito, pombo. Ali na frente na entradinha tem muito lixo espalhado. Aqui tem muito lixo porque tem muita pessoa que mora e joga logo ali. Não tem uma lixeira pra jogar.” B.*

*“Agora o lixeiro não vem todo dia, só vem hoje e na sexta e só vem meio dia.” V.*

O projeto apareceu, na maioria as falas como o que havia de melhor no bairro, sempre atrelado à ludicidade: Aqui a gente pode brincar!

*“A escola, a Turma do bairro, o projeto, o Casa, o jiu-jitsu. Coisas mais legais.” N.*

O bairro como espaço de brincar também apareceu na fala dos pequenos, a liberdade de andar pela rua, de explorar suas ladeiras pela brincadeira e aventura. Diferente do grupo dos grandes que em nenhum momento se referiu ao bairro como um espaço de liberdade e brincadeira.

*“É legal, tem as amigas, a gente fica brincando de noite. De noite e de dia. De tarde até oito horas da noite. De pic e pega, de pic esconde, pic alto”. R.*

*“O mais legal aqui são meus amigos. É muito bem (sic), gosto do Cordoeira!” N.*

*“Brincar de bola, de bicicleta, pic esconde, pic pega, pic parede. Quando eu saio do colégio eu chamo meu primo pra andar de bicicleta e a gente fica andando.” I.*

*“Coisa ruim é que os outros me bate, fica (sic) de castigo, apanhar.” N.*

Quando falam de outros bairros, ressaltam a liberdade de morar num bairro onde se pode brincar na rua. No centro ou nos bairros de classe média falam dos prédios que privariam sua liberdade e ainda fazem uma crítica ao uso de eletrônicos em detrimento das brincadeiras de rua.

*“Melhor morar aqui que outro lugar.” R.*

*“No centro não podia sair de casa porque era rua, só ia ficar em casa jogando videogame.” N.*

Chama-nos a atenção a análise e construção de saberes críticos por parte das crianças sobre a realidade do seu entorno, em especial a realidade do brincar infantil e o acesso a espaços para o livre brincar. Percebemos que analisam com clareza fenômenos sociais que se referem a produção das diferentes infâncias em contextos diversos. A infância da criança da classe média da região central da cidade e sua apropriação dos jogos e brincadeiras é percebida como diferente e limitada em relação a criança da comunidade, que pode ainda brincar livremente sem a clausura dos apartamentos modernos. Conseguem ver a importância do brincar livre, não limitando e reduzindo a importância dos jogos e brincadeiras à lógica escolar dos jogos educativos, como ressalta Danic, Delalande e Rayou (2006, p. 35).

Com as crianças e seus olhares aprendemos a dimensão lúdica da vida e ao mesmo tempo um olhar crítico da ordem das coisas como ressalta Kramer (2005, p. 12). As falas das crianças podem nos ajudar a olhar em direções que nosso olhar “adultocêntrico” não conseguiria sozinho.

O que há de ruim no bairro, para os pequenos, dizia respeito as situações de violência dentro das micro relações da escola, família. Ficar de castigo, apanhar dos pais ou dos amigos era o que havia de pior. Ressaltam o que sabemos ser a realidade da vulnerabilidade infantil no nosso país: o maior perigo de violência, abuso e expropriação de direitos acontece dentro das casas, afirmado pelos altos índices de denúncias e pesquisas sobre negligência e abuso físico, sexual e psicológico.

O GCM apresentou uma realidade bem diferente das representações dos pequenos, as falas quase não se concentraram em aspectos positivos, mas trouxeram muitos elementos da realidade de violência da comunidade. Não é bom morar no bairro porque nos sentimos inseguros, tanto polícia quanto traficantes ameaçam nossa segurança.

*“É muita coisa tia, porque morre muita gente.” H.*

*“Eles têm arma, maconha, pó. As polícia têm arma e metralhadora.” K.*

*“Da polícia daqui eu não gosto, eu também não gosto do negócio de bandido, porque as polícia daqui eles são muito amostrado (sic), eles querem se amostrar com coisa que não pode, gente que não é envolvido, eles não tão nem ai”. A.*

Novamente os elementos positivos se referem as ações do projeto casa no seu cotidiano: *“Aqui é legal. O projeto.” C.*

*“Eu gosto de morar aqui porque tem o projeto e o campo”. J.*

*“É legal que a gente pode brincar e tem lugares divertidos... o campo. Só o campo. K.*

*“De bom é que tô (sic) aqui brincando com meus colegas. De tristeza é que tem polícia e cara da boca”.*H.

Relatam longamente a morte recente do principal traficante do bairro, ressaltando a violência das imagens que presenciaram *“tia, todas as crianças viram”*. E ressaltaram a ausência de leis ou direitos no bairro onde a *“lei da selva”* predomina. A banalização da *“injustiça social”* como nos apresenta Dejours (2001) é denunciada pela fala das crianças que não se conformam com a injustiça e a falta de humanidade na prestação de socorros básicos para a manutenção da vida.

Pára a ação em prol da solidariedade e da justiça, ao mesmo tempo em que se desenvolveriam reações de reserva, de hesitação e de perplexidade, inclusive de franca indiferença, bem como de tolerância coletiva à inação e de resignação à injustiça e ao sofrimento alheio. (DEJOURS, 2001, p. 23).

*“O B. tava vivo tia, deram um tiro nele e ele não morreu, mas a polícia não deixou o bombeiro ajudar. Ficaram olhando ele morrer.”*

Nesse mesmo dia, enquanto o traficante agonizava na calçada, sob os olhares das crianças e sob a proibição de ser socorrido, uma das crianças havia telefonado para a coordenadora do projeto e perguntado: *“tia me passa o telefone dos direitos humanos pra ajudar, eles não tão deixando os bombeiros ajudarem, ele vai morrer!”* A.

*“Eu não gostei que mataram B. Ele tava (sic) no aniversário dele aí ele deu dois tiro pro alto ai os cana pegaram e deram na cara dele, mataram perto da casa dele e deram acho que dois tiro nele. Ele tava (sic) com música altona em cima do carro, aí a polícia mandou sai(sic) de cima do carro e abaixa o som, ai ele entrou pra dentro deu dois tiro pro alto os cara foram na cara dele e pum.”* C. e H.

*“Tia no aniversário do Bruno tinha uma festa, tinha um bolo em cima da mesa, aí tinha uma caixa de som, ai ele pegou a arma dele deu dois tiro pro alto, O bombeiro foi salvá (sic) ele e a polícia não deixou, aí no outro dia eles fizeram mais um bolinho pra nós (sic) come, porque nem deu pra comer no dia, aí foi lá e Moringa morreu, ai passou um tempo minha vô morreu.”* C.

*“Ele era muito legal né, ele dava dinheiro de graça, ele jogava dinheiro, dava 5 reais pra cada um.”* H.

Kramer apresenta de forma clara esse contexto violento onde nossas crianças estão inseridas, contexto que aniquila, ou pelo menos tenta, os anseios de justiça e mudança relatados com tanta clareza nas descrições das crianças sobre a morte do traficante.

As crianças são educadas com imagens da guerra na Europa, na África e do extermínio progressivo de populações pobres da América Latina, com imagens de crianças matando colegas de escola, neonazistas vitimando gays, negros, judeus. E embora se tenha tentado emudecer crianças, jovens ou adultos, numa história de escravidão passada e presente; embora tantos tenham aprendido a aceitar a desigualdade e a miséria, os discursos oficiais têm a hipocrisia de sugerir que a mudança geraria o caos, quando o caos está já instalado. As crianças, com quem poderíamos aprender a mudar e a fazer história do lixo e reinventar a esperança, aprendem com os adultos a aniquilação dos direitos, o medo, a agressão. (KRAMER, 2005, p.6).

A maioria das falas das crianças maiores sobre sair ou não do bairro foi em direção a negatividade de morar ali, morar em outros lugares parecia ser mais calmo e tranquilo. Apenas uma criança, recém-chegada da Rocinha no Rio de Janeiro, sinalizou que o bairro era bom em comparação a realidade anterior por ele vivida.

*“Melhor morar em outro bairro, os cara fica fumando perto de você” K.*

*“Eu preferia morar onde eu estudo, na Lagoinha, é muito mais calmo”. J.*

*“Eu gosto daqui, porque desde que eu cheguei aqui eu parei de fazer merda, só fiquei de castigo duas vezes, antes eu ficava de castigo sempre na escola e em casa.” A.*

#### **4.1. Os desenhos das crianças**

As representações e interpretações das crianças sobre seu entorno nos relatos orais, aparecem também nos desenhos que realizaram. Seus sentimentos e impressões sobre a vida cotidiana, marcada pela violência e sensação de desamparo, são muito recorrentes nos desenhos coletados. Os desenhos tem muito a nos ensinar como expressão de cada criança e também como grupo social pois:

O desenho é um importante meio de comunicação e representação da criança e apresenta-se como uma atividade fundamental, pois a partir dele a criança expressa e reflete suas ideias, sentimentos, percepções e descobertas. (GOLDBERG, YUNES e FREITAS, 2005, p.102).

Os desenhos apresentaram, na sua maioria, o projeto CASA como o que havia de positivo e “legal” no bairro, quase um oásis em meio à turbulência do cotidiano. Os pequenos

desenharam apenas o que havia de positivo no bairro, o projeto ou a própria casa, a mesma que aparecia nas falas como espaço de castigos e medo, também aparecia como espaço de proteção e acolhimento.

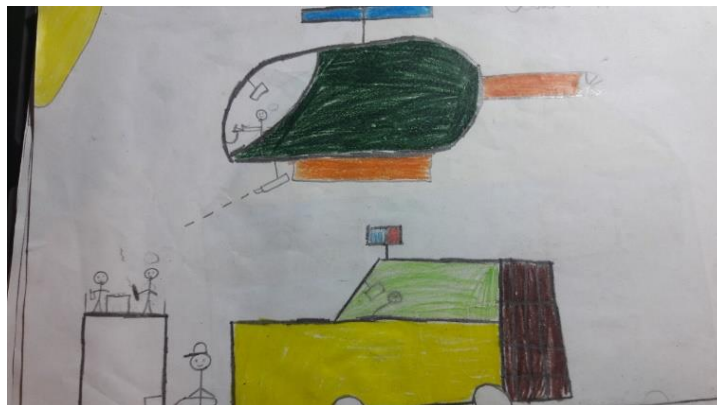
No grupo dos grandes aparecem representações da ação da polícia e traficantes causando medo e insegurança, a comunidade no meio do “fogo cruzado”, sem saber com quem contar.

O medo de sair as ruas, porque a rua é local de perigo, apareceu apenas na representação dos maiores. Para os pequenos a rua é local da brincadeira e da diversão com os amigos.

Sarmiento (2003, p.16) nos chama a atenção para o esforço analítico em perceber nas interpretações dos mundos sociais e culturais construídos pelas crianças, uma possibilidade de vermos e revermos nosso próprio mundo. Os desenhos mostraram exatamente essa faceta de desvelamento do real, de crítica, ao mesmo tempo que um grito de socorro frente ao desamparo que o bairro vive perante a quase ausência total de políticas públicas que protejam e amparem a comunidade, principalmente as crianças.

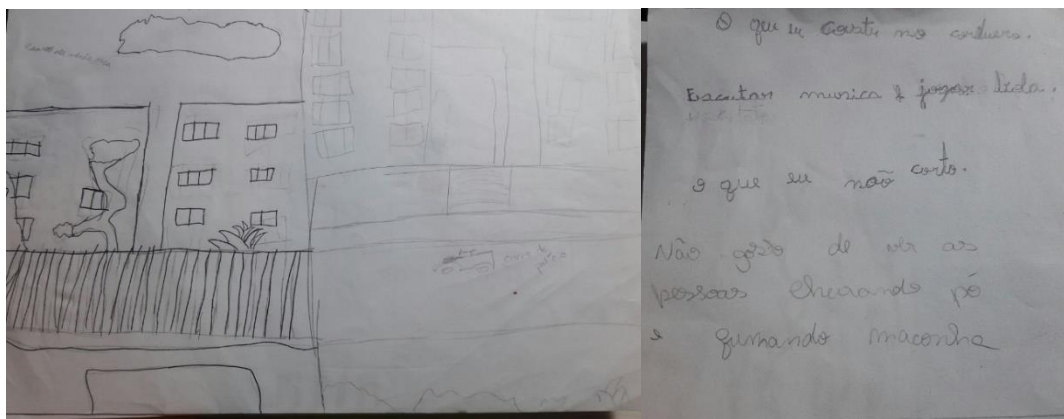
Alguns desenhos e sua breve descrição:

#### **1- A realidade do bairro, o helicóptero da polícia e os traficantes vendendo drogas**



#### **2 / 3- J. representou sua casa como local seguro e a rua ao lado como ameaçadora (carro da polícia passando)**

**A. preferiu escrever do que desenhar.**



#### 4 /5-O projeto CASA aparece como espaço de segurança e o mais “legal” do bairro



Podemos perceber como as questões da violência afetam de forma diferente os grupos etários. Os mais velhos já conseguem ter uma percepção mais ampla da realidade social do bairro e, ao mesmo tempo, devido a isso, uma sensação de insegurança maior e mais presente. A clareza como percebem a comunidade desprotegida em meio a guerra que se estabelece no conflito tráfico x policia é muito bem representada, sua impotência em meio a algo que foge do seu poder de mudança individual. A escola praticamente não aparece nas falas, apenas em alguns casos isolados sobre castigos e disciplina, bem como nenhuma outra política pública, tão ausente na realidade do bairro.

O papel do projeto para as crianças, como espaço de acolhimento foi algo positivo para a análise das atividades realizadas, no rumo a ser construído e nos passos a se trilhar na continuidade da construção do processo pedagógico.

Os desafios são enormes frente a todas essas questões: como pensar coletivamente nossos espaços no bairro? Tanto para nós adultos, quanto para as crianças. Quais os espaços de resistência, luta, engajamento que podemos construir coletivamente? Ao mesmo tempo

termos a humildade de aprender sobre os espaços de resistência que as crianças já criam, as contribuições criativas que já constroem e aprendermos com eles pois o seu futuro é o hoje!

Em consonância com a convicção de que as crianças são participantes ativas na sociedade, tenho defendido **que precisamos enriquecer as apropriações das crianças sobre o mundo adulto para incentivar as construções de suas próprias culturas de pares e para melhor compreender as contribuições que as crianças podem dar e dão para nossos mundos adultos**. Muitos dos problemas sociais das crianças podem parecer devastadores. No entanto, a verdade é que **a maioria das crianças está criando ativamente e desfrutando sua infância**. Precisamos fazer o nosso melhor para gerar um compromisso de responsabilidade entre os adultos, para que possamos fornecer a todas as crianças essas mesmas oportunidades e experiências... **porque o futuro da infância é o presente**. (CORSARO, 2011, p. 342 e 343-grifo nosso).

### Referências

- DANIC, Isabelle, DELALANDE, Julie e RAYOU, Patrick. *Enquêter auprès d'enfants et de jeunes: objets, méthodes et terrains de recherche en sciences sociales*. Rennes: Presses Universitaires, 2006.
- DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber livro, 2005.
- GOBBI, M. O fascínio indiscreto: crianças pequeninhas e a criação de desenhos. In: FARIA, A. L. G. de; MELLO, S. A. (Org.). *Territórios da infância: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas*. 2. ed. Araraquara, SP: Junqueira & Marin p. 119-136, 2009.
- GOLDBERG, Luciane Germano, YUNES, Maria Ângela Mattar e FREITAS, José Vicente de. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005.
- KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. *Direitos humanos na sala de aula*. Rio de Janeiro, Novamerica, ano 6, n.63, jul. 2005.

LENGRUBER, Julita e MUSUMEC, Leonarda. (coord.s). *Diagnóstico da segurança pública em Nova Friburgo*. CONSEG/ Instituto Sou da Paz. 2009. Disponível em [http://www.soudapaz.org/upload/pdf/diagn\\_sticonovafriburgo\\_fev\\_2009.pdf](http://www.soudapaz.org/upload/pdf/diagn_sticonovafriburgo_fev_2009.pdf)

PINTO, M.; SARMENTO, M.J.(coords.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Universidade do Minho, 1997.

QVORTRUP, J. et al. *Childhood matters: social theory, practice and politics*. Aldershot: Avebury, 1994.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.* [online]. 2005, vol.26, n.91, pp.361-378.  
\_\_\_\_\_. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SILVA, J. P.; BARBOSA, S. N. F.; KRAMER, S. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. *Perspectiva*, v. 23, n. 1, jan./jul., p. 41-64, 2005.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.